



# Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

Revista Trimestral

LISBOA

—  
1934

Director

O Inspector das Bibliotecas, Arquivo  
e Museus Municipais — Joaquim Leitão

N.º 11  
Janeiro  
a Março

## COLABORADORES

---

A. VIEIRA DA SILVA, AFONSO DE DORNELAS,  
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,  
ANTONIO BAIÃO, ARTUR DA MOTA ALVES, COSTA VEIGA,  
FIDELINO DE FIGUEIREDO,  
HENRIQUE CÂMPOS FERREIRA LIMA,  
JOÃO DA SILVA CORREIA, JUAN TENA FERNANDEZ,  
JÚLIO DANTAS, LARANJO COELHO,  
LUÍS DE FREITAS BRANCO, LUÍS DA CUNHA GONÇALVES,  
LUÍS DE MACEDO, Prof. MOSÉS BENSABAT AMZALAK,  
QUIRINO DA FONSECA,  
JOAQUIM LEITÃO, ETC., ETC.

Anais das Bibliotecas,  
Arquivo  
e Museus Municipais

---

Anais das Bibliotecas,  
Arquivo e Museus Municipais

---

Oferta  
-O. NOV. 1998

Inspeção das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais de Lisboa

---

# Anais das Bibliotecas Arquivo e Museus Municipais

---

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

ANO IV—N.º 11—1934

---

Dirigida por Joaquim Leitão

Inspector das Bibliotecas,  
Arquivo e Museus Municipais de Lisboa



# Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

---

ANO IV

LISBOA — JANEIRO A MARÇO DE 1934

N.º 11

---

## Directrizes

---

Nascidos para modesto registo do movimento dos serviços e instrumento de permuta, os *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* propuzeram-se, desde a proposta que lhes deu origem, publicar pre-história e história olisiponense.

No seu programa havia também propósito de abranger outras matérias.

Reconhecido, porém, que todas as páginas dêste arquivo são poucas para registar curiosos documentos inéditos, esquecidos ou raros, de interesse olisiponense, a êste as-

pecto se consagrarão designadamente.

Reduzir-se-á ao indispensável a secção estatística, e atenção e espaço serão dedicados ao documento anciano e contemporâneo.

Assim todos os números, como o presente, trarão um trabalho actual e uma exumação do passado de que iremos fazendo *separatas* de modo a formar uma nova colecção olisiponense.

Eis as definitivas directrizes dos *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* de Lisboa.

## Os cronistas de Lisboa

Muitos são os que se tem occupado de Lisboa a começar no velho Fernão Lopes que lhe chamava «terra de muitas e desvairadas gentes», até aos nossos, de hoje, Gustavo de Matos Sequeira e Augusto Vieira da Silva. Tratou-a Garcia de Rezende quando descreve os passeios de D. João II na Rua Nova, ou nas trovas da sua *Miscelânea*; tratou-a Damião de Goes quando em classico latim a panegyrisa; tratou-a o nosso popular Gil Vicente nas lamentações da sua *Maria Parda*, que se pranteava porque «vio as Ruas de Lisboa com tam poucos ramos nas Tavernas, & o vinho caro»; tratou-a D. Francisco Manuel de Melo quando com carinho nos fala do Rossio; trataram-na muitos, uns como Alexandre Herculano que a immortalizou na sua frase: «cidade de mármore e de granito», outros, como António Nobre, que numa poesia quasi desconhecida lhe chama:

- ... Lisboa das meigas Procissões!
- ... Lisboa das Irmãs e de fadistas
- ... Lisboa dos lyricos pregões...
- .....
- ... Lisboa das Naas, cheia de gloria,
- ... Lisboa das Chronicas, ...

.....  
 ... Lisboa dos Poetas Cavaleiros!  
 .....  
 Cidade de morenos marinheiros,  
 .....  
 ... Lisboa de ruas mysteriosas!  
 Da *Triste-Feia*, de João de Deus,  
*Becco da India*, *Rua das Fermosas*,  
*Becco do Falla-Só* (os versos meus...)  
 E outra rua que ea sel de duas *Rozas*,  
*Becco do Imaginario*, dos *Judeus*,  
*Travessa* (julgo eu) das *Izabeis*,  
 E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.

Luar de Lisboa! onde o ha egual no mundo?  
 .....  
 Romantica Lisboa de Garrett!  
 .....  
 Lisboa vermelha das toiradas!  
 .....  
 Lisboa das varinas e marquezas...

E quantos outros! Camilo, Júlio César Machado, Rebelo da Silva e tantos. Uns, são os seus cantores, os seus panegyristas, outros, são os seus cronistas, os seus historiadores. Estes podem dividir-se em clássicos ou antigos e em modernos ou do nosso tempo. Avultam entre os primeiros, Cristóvão Rodrigues de Oliveira e João Brandão, Damião de Goes, Luís Mendes de Vasconcelos, Fr. Nicolau de Oliveira, Luís

Marinho de Azevedo e António Coelho Gasco.

Entre ossegundos contam-se, Luís Gonzaga Pereira, Júlio de Castilho, Gomes de Brito, Eduardo Freire de Oliveira, Pinto de Carvalho, Pereira de Sousa e Augusto Vieira da Silva. Vamos passar em revista o que poderemos chamar os cronistas de Lisboa.

Dois são os cronistas que se podem chamar primeiros. Cristóvão Rodrigues de Oliveira, autor da obra *Sommario e que brevemente se contem algũas cousas (affi ecclesiasticas como seculares), que ha na Cidade de Lisboa. Com Priuilegio Real*, que se imprimiu em casa de Germão Galharde, dizendo-se em 1551. Os Srs. Gomes de Brito e Vieira da Silva são de opinião que a data da impressão é de meados de 1553, 1554. Prova, a gravura do frontespício já truncada, o que só o poderia ser nessa data, a não contar-mos com uma possibilidade desconhecida. A segunda edição é de 1755

e tão rara, quasi, como a quinhen-tista, pois ardendo na officina de Miguel Rodrigues, onde foi impressa, ou na do livreiro Manuel da Conceição, ao Loreto, no terremoto, só escaparam os exemplares distribuidos, vendidos ou fóra da officina. Cristóvão Rodrigues de Oli-

vieira era guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcelos e Menezes, capelão-mór de D. João III, ele o declara no rosto do seu livro. E mais, que fóra o dito D. Fernando quem, vendo «o grande crescimento da dita cidade, e cousas della e cada hum anno affi no spiritual como no temporal» lhe mandou escrever o dito *Sommario*. Este, que parece ter sido impresso

como dissémos, em 1554, divide-se em Freguesias com suas Igrejas, Capelas, pessoal, rendimentos, ruas, travessas e bécos; em Igrejas que não são paróquias, Hospitais, Colégios, Mosteiros de frades e freiras, (dentro e fóra da cidade), o que se contém de Secular e gente dos officios, existentes na cidade. Termina



SUMÁRIO de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, o primeiro livro de estatística publicado em Portugal

com: *E porque o principal intento de se mandar imprimir este Sumario, foy pera que vendose noutras terras se foubesse das muitas, e grandes esmolas, e outras obras pias, que se nesta Cidade fazem, e como he celebrado nella o culto divino em tantos, e tão sumptuosos Templos, e caças de Oração, como tãbem se faber da grandeza, e povo de outras muitas Cidades do Mundo, a errada opinião que se dellas tem, vendo a certeza desta. Pareceo que não seria desnecessario (como digo) para os estrangeiros, porse aqui o fitio, e descrição della.*

Pela enumeração do nome das ruas e travessas se vê que muitos nomes se conservam ainda hoje, se bem que nem sempre a sua localização seja a primitiva. Ainda hoje ha a *Rua do Barão* que era em 1551 *Rua do Barão Velho*, a *Rua das Canastras* que antes da feitura do *Summario* se chamava *do lagar do mel*, *Rua do Terreiro do Trigo*, *Rua da Porta do Mar*, que se transformou em *Escadinhas da Porta do Mar*, *Rua Afonso de Albuquerque*, uma minuscula rua que antigamente (em 1551) se chamava *Rua dos Arcos*, a *Travessa do Forno* que hoje deixou o nome ao *Bêco do Forno da Galé*, isto tudo na Freguesia da Sé. Na freguezia de Santa Justa ainda hoje topamos as ruas de ontem: *Sam Lourenço*, que chamam as *Fontainhas*, *Sam Pedro Martir*, *Rua do Poço do Borratem*, *Rua das Fontainhas*, *Bêco do Monete* que

é a evocação das velhissima, *Rua do Monturo do Bonete* e *Rua da Calçada do Monturo do Bonete*, *Rua da Betesga*, *Rua da Nunciada*, *Rua das Olarias* que é a junção da *Rua das Olarias de baixo* e da *Rua das Olarias de Cima*, *Rua do Capelão*, *Rua da Amendoeira* e *Rua de João do Outeiro*. O *Bêco da Barbaleada* transformou-se em *Bêco da Barbadeira*. Martim Vaz que tinha um bêco passou a ter uma rua, Ficou o *Bêco da Atafona*, velho na toponímia ulissiponense como a Sé de Braga no sinónimo de velhice lusitana. Na Freguesia de S. Nicolau encontrámos a *Rua de João de Deus* que toda a gente à primeira vista desconhecendo-lhe a antiguidade, julga ser o lírico do *Campo de flores*. Não. É um João de Deus ignorado e quinhentista, porque a do lírico é à Estrela e modernamente crismada. Um livro a fazer seria mesmo o da história das ruas, e o de como a cidade tem homenageado as suas pessoas gradas. Então saberíamos quem era o barão velho que deu nome á *Rua do Barão*, quem, era o Lião que teve uma travessa à Sé, a Dona Helena que teve um arco, o Francisco Dias, o Antonio Lopes Bulhã, o Bertolameu Joanes, o Pedro dabreu, o Gomes daragão, o Domingos Lopes, o Symão de faria, que nela tiveram bêcos; o Pato, o Lopo Infante, o Mestre gonçalo, o Dr. Carreiro, a Crespa, o frei Bertolameu do Valle, o João do Ou-

teiro que tiveram ruas; o Gaspar Trigo, Dom Aleixo, o Pimentel, João Fernandes, Inez Afonso, que tiveram travessas; Duarte Casco, João Vaz de Lemos, João de Avelar, a Parteira, Ana Gonçalves, Martim Vaz, a Teixeira, Thomé Correia, o Organista, que tiveram bécos na Freguesia de Santa Justa; mestre Gonçalo, João do Barreiro, João de Deus, o Capitão de ginetes, Jerónimo Dias, André Soares, João Fialho, João Brandão que foi possivelmente o autor da *Estatística* de 1552, Dom Rolim, Balthazar Piz de Val verde, Dom Afonso, Braz Afonso, Leonel Friz, Palos Antão, o Cabral, João de Sousa, Cheles Correa, Caterina Jorge, o Cardim, Martim Alonso e João Alves Fafes que tinham Ruas, travessas e bécos na Freguesia de S. Nicolau; Gaspar de Venada, que tinha uma rua na freguezia de Sam Giam; João da Silva, Martim Alho, Branca leda, Sancho de Toar, Lopo Mendes, Gonçalo Friz que deve ser da familia do Leonel Friz da Freguesia de S. Nicolau, o João das armas, Dona Tareja, na Freguesia da Madanela; Abreu, Ines Alvares, Manuel Homem, João de Paiva, João de Lila, Manuel Corte Real, Nicolau Vaz, Cotrim, Breatriz Soares, Figueiredo, Lobato, Pero Roiz, da Freguesia de Nossa Senhora dos Mártires; Rolam Correa, o Veloso, na Freguesia de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Lorêto; Diogo da Silva, João Fogaça, Dom Antonio, Fernão Piz, o Machado, o Mey-

reles, da Freguesia de S. João da Praça; João de Ribas na de S. Pedro; Diogo Soares, na de S. Miguel; João d'Avelar, Martim de Castro, o Souza, na de Santo Estevão; Pero Esteves, os Vargas, Catherina Gil, Condessa de Penella, Simão Cosmo, na de S. Vicente de Fóra; João do Basto, Frei Luiz, na de Santa Marinha; D. Liam e o nosso conhecido Dr. Pero Nunes que tinha uma travessa, na do Salvador; João de Extremoz, Fernão de Castro na de S. Thomé; Simão da Silveira na de S. Jorge; o Moniz, Lourenço de Moura e Gaspar de Lião, na de Santa Cruz; D. Bernaldo na de S. Mamede; Valentim Soares, João das Chaves, João Correia, o Oliveira na de S. Cristóvão. Como se vê, a lista é longa e como dissémos, mereceria de um investigador alguns artigos ou mesmo um livro à semelhança daquele em que Pierre Zacone colaborou ha bem quasi um século para as *Ruas de Paris*, ou como o que D. Hilario Penásco de la Poente e D. Carlos Cambronero fizeram em 1889 sobre *Las calles de Madrid*.

Quem estas linhas escreve tem num dos seus livros, publicado em 1919 (*Jornal de um rebelde*) um artigo sobre as velhas ruas de Lisboa. E nele indica quem era o Martim Vaz que parece ter sido guitarrero, o Joham do Outeiro «honrado criado feitor», Isabel Fernandes Barbaleda, mulher de João do Rego Barbaleda que ainda tem

hoje o seu bêco transmutado apenas por corrupção em Barbadela. Outros muitos sem dificuldades de maior se poderão identificar escrevendo-se ou compilando-se interessantes estudos de que já ha precedentes no opúsculo de J. J. de Ascenção Valdez, separata do *Arqueólogo Português, Memória topográfica da antiga Lisboa. As Ruas de João do Outeiro e de D. Gil Eannes*, (1908), nos *Remolares* de Gomes de Brito e nos estudos de Vieira da Silva.

A *Triste feia*, rua romântica e moderna não foi historiada por Alberto Pimentel?

Mas voltando ás velhas ruas quinhentistas, ainda hoje na toponímia de Lisboa se encontram a *Rua da Oliveira* (ao Carmo), *Calçada do Carmo*, *Rua do Crucifixo*, *Rua (nova) dos Douradores*, *Travessa das Pedras Negras*, *Rua* (hoje *Travessa*) *da Trabuqueta*, *Rua da Mouraria*, *Rua da (Ourivezaria da) Prata*, *Rua de S. Mamede*, *Rua da Madanela* (hoje *Madalena*), *Rua da Padeiria*, *Rua da Salgadeira* (hoje *Salgadeiras*), *do Duque*, *do Ferregial*, *Posto da Bica do Belo* (hoje *Rua da Bica de Duarte Belo*), *Calçada de S. Francisco*, *ruas da Esperança*, *de S. Roque* (hoje *Rua do Mundo*), *das Flores*, *das Gáveas*, *dos Calafates* (hoje *do Diário de Noticias*), *da Atalaia*, *das Chagas*, *da Rosa*, *da Adiça*, *da Regueira*, *das Escolas Gerais*, *de Santo André*, *do Chão da Feira*, *do Chão de Loureiro etc.*

Lisboa apesar das suas mil mudanças tem um certo apêgo à tradição.

O *Summario* tem duas edições, estando a preparar-se a terceira em Coimbra, dirigida por A. Vieira da Silva e quem escreve estas linhas. A segunda é rarissima, especialmente com a Carta de Pedagache que occupa de pág. 177 a 199 (200), carta atribuida a D. Thomaz Caetano do Bem.

\*

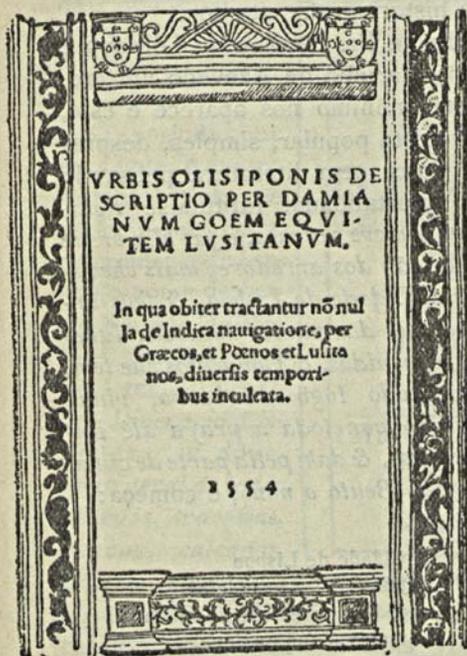
O segundo cronista de Lisboa, primeiro, se atendermos à ordem chronológica que lhe attribuem, é João Brandão, natural de Buarcos, escudeiro fidalgo da casa de El-Rei D. João III. Filho de Duarte Brandão herdou de seu pae «a dizima do carvão, lenha, arcos, tijollo e linho...» e até 1923 o manuscrito do seu livro, conhecido por *Estatística de 1552* conservou-se inédito na Biblioteca Nacional, sendo nêsse ano impresso sob a direcção de Anselmo Braamcamp Freire, com comentários e notas de Gomes de Brito, numa edição de pouquíssimos exemplares. João Brandão batalhou em Azamor, foi vereador da Câmara de Lisboa e faleceu em Dezembro de 1562 sendo sepultado na igreja do Convento do Carmo.

O seu livro foi publicado com o titulo de *Tratado da majestade, grandeza e abastança da cidade de Lisboa, na 2.ª metade do seculo xvi*. Insere também anotações de Ro-

drigo José de Lima Felner e além de ser visto por Fr. Nicolau de Oliveira, mereceu demoradas referências a José Ribeiro Guimarães no *Sumário de Vária História* (1872-75).

com o sabor literário que nenhum dos outros tem, méros contadores de rendas e enumerantes de ruas, ofícios e dados estatísticos.

É então que surge Francisco de Olanda<sup>o</sup> (1571) com o seu *O Da fá-*



Trata dos rendimentos da população, ruas, etc., e completa bem o livro de Cristóvão Rodrigues de Oliveira.

Depois destes dois vem Damiano de Goes com o seu *Vrbis Olisiponis*. Foi pela primeira vez publicado em 1554, Évora, por André de Burgos, e seguidamente em Colónia 1602 e Coimbra 1791. É a descrição e o elogio de Lisboa, feito já

*brica que falece a cidade de Lisboa* um sonho monumental de grandeza que só teve continuador na grandiosa e americanizada visão fabulada por Fialho de Almeida na *Ilustração portuguesa*, muitos séculos depois. O livro de Holanda, filho do iluminador illustre que foi António de Olanda, nascido nesta Lisboa que seu filho tanto amou, conserva-se em manuscrito na Biblioteca

da Ajuda e foi pela primeira vez dado à estampa no Porto em 1879, e pela segunda em Madrid em 1929, pelo Dr. Vergílio Correia, que já nos dá o *Livro dos regimentos dos officiais* e os opúsculos da *Lisboa pre-histórica*. A primeira edição deve-se a Joaquim de Vasconcelos, a segunda ao trabalho preparatório de Alberto Cortês, falecido em 1918.

Publicada no *Archivo Español de Arte y Arqueologia*, tiraram-se cem exemplares de raríssima separata com texto e gravuras.

Na lista cronológica dos cronistas da cidade sucede-lhes Luís Mendes de Vasconcelos, Nicolau de Oliveira e Luís Marinho de Azevedo. Estes fecham a época dos clássicos na história literária citadina. Luís Mendes de Vasconcelos publicou em 1608 em Lisboa o seu livro *Do Sitio de Lisboa sua grandeza, Povoação e Commercio, etc.* Diálogos em que entram um Político, um Filósofo e um Soldado, que alguns identificaram em figuras da época. Padece do mau gosto erudito do tempo. Sairam outras edições em 1786 e 1803. Fr. Nicolau de Oliveira com o seu *Livro das grandezas de Lisboa* fez já obra digna de considerar, com várias notícias e elegância de frase. Saiu pela primeira vez à estampa em 1620 e depois em 1804.

Luís Marinho de Azevedo, capitão, deu a Lisboa todas as fábulas que encontrou. O seu livro *Primeira parte da fundação, antiguidades e*

*grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*, ou melhor, *Fundação, antiguidade e grandezas, etc.*, sahiu a primeira vez em 1652, depois duas vezes em 1753, depois ainda em 1804. Não fecha com chave de ouro positivamente o ciclo clássico da historiografia citadina.

Entre Fr. Nicolau de Oliveira e Luís Marinho de Azevedo um cronista anónimo nos aparece e este, chronista popular, simples, desprezencioso, sem literatura pensando na immortalidade. Intitula-se *Relaçam, em que se trata, e faz hũa breue defcrição dos arredores mais chegados á Cidade de Lisboa, & feus arrebaldes, das partes notauéis, Igrejas, Hermidas, & Conuentos que tem, começando logo da barra, vindo corredo por toda a praya até Enxobregas, & dahi pella parte de cima, até São Bento o nouo*, e começa:

A Cidade de Lisboa  
cujas famofas grandefas,  
excedem quaeſquer do mudo  
no valor, & na opalencia.  
Cajos nobres edificios  
abatem aos da foberba  
Babylonia, que de todas  
foy maravilha primeira.

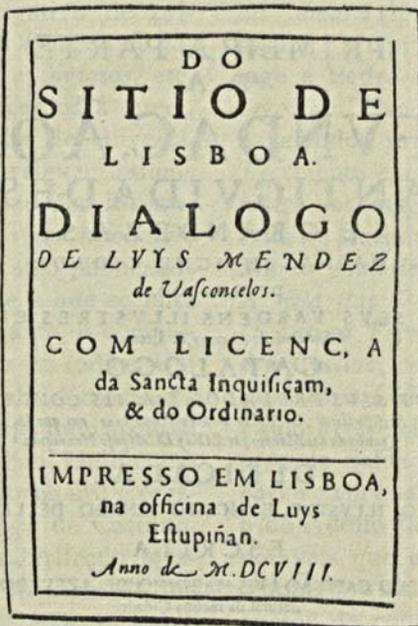
depois descreve Lisboa assim um pouco no sabor da *Miscelânea* de Garcia de Resende que também têm que se aproveite para a vida da Lisboa do seu tempo. Saiu este raríssimo opúsculo em Lisboa por António Álvares em 1625 e foi reeditado no *Boletim da Sociedade dos*

*Archeologos* onde se conserva quasi inteiramente desconhecido <sup>1</sup>.

Também se aponta Antonio Coelho Gasco como cronista de Lisboa. Por não estar impressa não se recenceam nem a obra nem o nome do famoso cronista de Coimbra.

\*

O período que se segue é pouco notável. Não se pode incluir entre os cronistas de Lisboa o nome de Inácio Paulino de Moraes por este em 1804 ter publicado um *Itinerario Lisbonense, ou directorio geral de todas as ruas, travessas, beccos, calçadas, praças, etc.*, nem ao autor da *Collecção dos letrados celebres*, publicada em dois vols. por esse tempo. Também se não pôde dar esse nome ao médico Santos Cruz que em 1843 nos deu o seu *Ensaio sobre a Topografia medica de Lisboa*, nem a José Sergio Veloso de Andrade que escreveu sobre os *Chafarizes, bicas, fontes e poços* (1851). Não nos interessam os poemas e não contam para o nosso



caso as noticias desenvolvidas insertas em obras gerais como na *Estadistica* de Balbi *Essai Statistique*, (1822), na *Corografia portuguesa* do Padre Carvalho (1712) ou no *Mapa de Portugal* de João Baptista de Castro, (1763) como não contaremos mais tarde nem Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno* (1874) ou Guilherme Rodrigues e Estêves Pereira no seu dicionário *Portugal*.

Mais vale a pena incluir os nomes de P. P. da Camara com a sua *Descrição geral de Lisboa em 1839* e Luis Gonzaga Pereira com a sua *Descrição dos monumentos sacros*, publi-

cada ultimamente pelo erudito historiador cidadão Sr. A. Vieira da Silva.

E somos chegados à última metade do século XIX. Então sim. Uma pleiade brilhante de eruditos lançou o gosto pelos estudos lisboetas e então foi ver como se arava o terreno que em breve surpreendia pela fecundidade e exuberância.

Júlio de Castilho, Freire de Oliveira, Gomes de Brito, Pinto de Carvalho, Pereira de Sousa, Baldaque da Silva, Vieira da Silva, Al-

<sup>1</sup> Acompanha este pequeno artigo no presente número dos *Anais*.

fredo de Mesquita, Matos Sequeira, Roque Gameiro, Paulo Freire, Luís de Macedo, etc., são a pleiade famosa que veio substituir os Rodrigo Felner, Rebelo da Silva, o Nogueira (de S. José), o Ribeiro Guimarães e com galhardia sem par. Se estes desbravaram o caminho, aqueles traçaram a estrada que hoje se perde em horizontes sem fim.

Rebelo da Silva descreve nos seus romances a velha Lisboa com um maravilhoso poder de evocação a que ninguém pode ser estranho, Rodrigo Felner mostrando a sua erudição ulissiponense nas anotações á *Estatística*, Nogueira fazendo artigos sobre mil velhos locais da velha Lisboa, José Ribeiro Guimarães debatendo casos, aclarando dúvidas no seu *Sumário de vária história*, livro magnífico que o tempo não conseguiu apequenar ou esquecer.

Da pleiade brilhante que se notabilizou nas investigações sobre a história de Lisboa o que primeiro acendeu o fogo sagrado, o mais no-

tável foi Júlio de Castilho com a sua *Lisboa antiga*, os treze volumes que se iniciaram em 1879, e com a sua *A Ribeira de Lisboa* publicada em 1893. Depois vem Gomes de Brito. Não pela quantidade de volumes da sua obra

mas pela qualidade, ela é das que marca. A sua *Notícia de livreiros e impressores em Lisboa, na segunda metade do século xvi*, Lisboa 1911, *Os Itinerários de Lisboa* que saíram primitivamente na *Revista de Educação e Ensino*, e *Os Remolares*, são estudos sólidamente alicerçados, que honram um consciencioso observador. Entre os grandes vem também Pinto de Car-

valho (Tinop) com a *Lisboa de outros tempos*, 1899, e *História do Fado*; Augusto Vieira da Silva com *O Castelo de S. Jorge*, 1898, *A Cerca Moura de Lisboa*, 1899, *As Murallas da Ribeira de Lisboa*, 1900, *A Judiaria Velha*, 1900, *A Judiaria Nova*, 1901, *A população de Lisboa*, 1919, *Os bairros de Lisboa*, 1930, *os locais onde funcionou em Lisboa a*

PRIMEIRA PARTE  
D A  
FUNDACÃO,  
ANTIGUIDADES  
E GRANDEZAS

DA MVI INSIGNE CIDADE  
DE LISBOA.

E SEVS VAREENS ILLVSTRES EM  
Sanctidade, Armas, & Letras

CATALOGO

DE SEVS PRELADOS, E MAIS COVSAS  
*Eclesiasticas, & Politicas anno 1127 em que foi  
ganhada aos Mouros por El Rey D Afonso Henriquez*

DEDICADA

AO ILLVSTRE, E INCLITO SENADO DELLA  
ESCRITA

PELO CAPITÃO LUIS MARINHO DE AZEVEDO.  
*natural da mesma Cidade.*

EM LISBOA.

NA OFFICINA CRAFTSBECKIANA.  
M DC LII

*O frontispicio original tem 746<sup>mm</sup> de alto e 126<sup>mm</sup> de largo*

*Universidade dos Estudos*, 1919, a *Notícia histórica sobre o levantamento da planta topográfica de Lisboa*, 1914, maior entre os maiores; e Gustavo de Matos Sequeira com o seu *Depois do terremoto*, quatro volumes cheios de trabalho investigativo de primeira ordem, a sua *Relação de vários casos notáveis e curiosos*, etc. Cumpre não esquecer os a quem, como Eduardo Freire de Oliveira, se devem serviços relevantíssimos como o da publicação dos *Elementos para a História do Município de Lisboa*, de que estão publicados dezassete volumes e a que só falta para a tornar prestante, o complemento da publicação um índice. Um volume que o contenha, tornará esta obra inútil quasi, hoje, num arquivo útil e aproveitadíssimo, tanto como o índice de Barcia torna útil e prestante a *Lisboa antiga* de Castilho. Entre os modernos, Alfredo Mesquita com o brilho invulgar da sua prosa na *Lisboa*, 1903, e Paulo Freire com o material carreado no *Do Rossio à Rotunda*, são também dos que bem merecem o nome de cronistas da cidade.

Ha autores de estudos particulares que não devem ser esquecidos, que embora nos não dêem o conjunto da cidade algo nos dêram sobre departamentos que se podem considerar estudados com a sua intervenção. *V. gratia*: Alfredo Luís Lopes com o *Hospital de Todos os Santos*, os *Pátios de Lisboa* e as *Águas*, trabalhos do engenheiro

Montenegro, o estudo de Xavier da Cunha sobre a *Peste bubónica em Lisboa, nos séculos XVI e XVII* (1899), os estudos geológicos de Neri Delgado, Carlos Ribeiro e Picotas Falcão com o estudo sobre as *Casas da Câmara* (1920), o *Estudo dos Registos Paroquiais* de Edgar Prestage e Pedro de Azevedo, o *Catálogo da Exposição Ulissiponense*, os estudos gráficos das ruínas do Terremoto e a *Lisboa Velha*, de Gameiro, os magníficos trabalhos de Luís de Macedo, *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa* (1930), *A Rua das Pedras Negras* (1931), *O Antigo Terreiro do Trigo* (1932) e a *Critica, correções e aditamentos à obra Lisboa do meu tempo*, de Paulo Freire (1933), e o *Atlas e Estudo de Baldaque da Silva, sobre a barra e porto de Lisboa*, assim como o de Adolfo Loureiro são trabalhos notáveis que eternizam no assunto o nome dos seus autores. Um ha que apesar de confinado no estreito limite da sua especialidade pode conferir sem restrição o titulo de cronista da cidade ao seu autor. É o terceiro volume de *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755*. E aqui está resumida a maioria dos volumes que contam e turiferam esta encantada cidade, amada entre as que o são e que, se possui grandes defeitos, em tudo lhe sobrelevam as suas infinitas virtudes.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

RELAC,AM, EM QVE SE TRATA, E FAZ  
hũa breue defcrição dos arredores mais chegados à Cidade de  
Lisboa, & feus arrebaldes, das partes notaueis, Igrejas,  
Hermidas, & Conuentos que tem, começando logo  
da barra, vindo corredo por toda a praya atè  
Enxobregas, & dahi pella parte de  
cima atè Saõ Bento o nouo.

---

Reprodução do exemplar único, pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa  
com uma nota explicativa do ilustre ulisipógrafo Sr. A. Vieira da Silva  
da Academia das Ciências de Lisboa

## Nota Explicativa

---

Esta obra, que novamente se publica, encontra-se nos *Reservados* (A-2-43) da Biblioteca Nacional, *Miscelâneas*.

O exemplar desta Biblioteca, único que conhecemos, é in-4.º de 16 pags. inum., e foi já reproduzido no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses*, n.ºs 5, 6, 7 e 8, tomo VIII, ano de 1899, mas a sua raridade, assim como a dificuldade de obter estes fascículos do *Boletim*, motivou o fazer-se a sua reedição nos *Anais*.

A obra, sem indicação de autor é um poema, ou melhor uma série de versos encomiásticos à cidade de Lisboa e seus arredores. E em quadras de sete sílabas não rima-

das. As noções descriptivas e críticas são geralmente mui deficientes e algumas das referências do texto são actualmente verdadeiros enigmas. Tem porém o interesse de dar a conhecer certas particularidades de locais, de edificios e da vida citadina no principio do segundo quartel do século xvii.

Diz o Dr. Joaquim de Vasconcelos (*Arqueologia Artistica*, n.º 6, Porto, 1889, pag. VIII), que lhe parece ser esta obra um resumo do *Livro das grandezas de Lisboa*, por Fr. Nicolau de Oliveira, (publicado em 1.ª edição em 1620), e talvez do mesmo autor.

A. VIEIRA DA SILVA.

---

---

RELAC,AM, EM QVE SE TRATA, E FAZ  
 hũa breue descripção dos arredores mais chegados à Cidade de  
 Lisboa, & seus arrebaldes, das partes notaveis, Igrejas,  
 Hermidas, & Conuentos que tem, come çandologo  
 da barra, vindo corredo por to fa a prayá até  
 Enxobregas, & dahi pella parte de  
 cima, até São Bento o nouo.  
 Com Priuilegio Real, & Taixado, em 8, reis em papel.



A Cidade de Lisboa.  
 cujas famosas grandezas,  
 excedem quaesquer do mûdo  
 no valor, & na opulencia.

Cujos nobres edificios  
 abatem aos da soberba  
 Babylonia, que de todas  
 foy marauilha primeira.

A que no culto diuino  
 & nas famosas Igrejas,  
 compete com a mesma Roma  
 & na policia com Grecia.

Cujas armas affombraraõ  
 com valerosas empresas  
 tão varias gentes do mundo,  
 em mil batalhas, & guerras.  
 Não sômete em nossa Europa  
 contra a Mahometana feita  
 mas nos campos Asianos,  
 & nas Africanas terras.

Aquellas que triumpharaõ  
 de Turcos, Moabitas, Perlas  
 Coracones, & Mogores,  
 Rumes, Arabes, &c.

A Em

Em cujos reynos paferão,  
fendo partes tão dierfas  
com valor por tantas vezes  
as trianfantes bandeiras.  
Finalmente hãa Cidade,  
que bem pode ser Princefa  
de quantas tem todo mando  
pois vence nas excellencias.  
He cidade populoza,  
may grande fobre maneira  
emperlo de todo quanto  
pellos mares fe nauega.

Situada no Occidente,  
na mais vltimas das terras  
que abrazada deixa o fol,  
quando efte emifpherio deixa.  
Quali em trinta, & noae graos  
eftã fituada, & fogeita  
a tal clima, que parece  
eftar fempre em primavera.  
De mil boninas, & flores,  
rofas, jafmins, violetas,  
craaos, crauilina, goiaos,  
faz todo o anno capellas.

Polla parte q̄ he mais baixa,  
ham Rio que he mar acerca  
cajo porto he mais foberbo,  
que os de toda a redondeza.  
E pella parte do Norte  
com montes altos, & ferras,  
fe defende, que do frio  
nanca fente reiffitencia.  
Quando o Sol cõ maior força  
de feas rayos reuerbera,

os dourados horizontes  
abrindo bocas na terra.  
He mai frefca, & apraziel,  
mvy deleitofa, & amena,  
com virações com que o mar  
toda a Cidade refrefca.  
As quintas que tem por fora  
Villas, lagares, & aldeas  
por fer numero infinito  
he bem que cale, & fufpenda.  
A multidão de vezinhos,  
que dentro nella fe encerra,  
he tão grande, q̄ he impofsiel  
poderlhe dar conta certa.

Porque ver fua grandeza  
cafes, becos, & traçeffas,  
praças, ruas, & arrabaldes,  
não ha quem contar fe atrea.  
Ea ferei pouco arrogante  
deixando taõ grãde empreza,  
por me não ver Phaetonte,  
onde atreado me perca.  
Mas andarei pella rama  
por fora donde conheça,  
quanto nõ dificultofo  
dizer menos he prudencia.

Na barra logo entrando,  
tem may grande fortaleza,  
de São Gião, cajo fitio  
he fõ baftante defenfa.  
De torres, & baluartes  
may forte fobre maneira  
com bombardas, bazalifcos,  
canhões, colobrinas, efpheras.

Tem

Tem valeroso perfidio  
 Capitães, & foldadefca,  
 dextrisimos bombardeiros  
 com perpetua afsistencia.  
 Defronte dentro no mar  
 lhe fica cabeça fecca  
 ham baluarte may forte  
 fobre alicerces de areia,  
 Rodeado de eftacada  
 vigas de groffa madeira,  
 por donde o mar fe entalhou  
 de emmenidade de pedras.

O Conaento dos Cartaxos  
 ordem de tanta afpreza  
 que pellos rigor que guarda  
 fo diz fer das mais perfeitas,  
 Aqui junto desta praya  
 dentro no mar defcarrega  
 faas aguas criftalinas  
 o rio da Barqaerena.  
 Logo fanta Catherina  
 onde quando a monção cefsa,  
 toda nao lança fea ferro,  
 ou qaãdo fae, ou qaãdo entra.

He moſteirinho de frades,  
 & caſa may recoleta,  
 que guarda de S. Francifco  
 a riguroza pobreza.  
 Mais adante S. Iofeph.  
 hã moſteiro que fe obſerua  
 por Capuchinhos defcaços  
 o meſmo preceito, & regra.  
 Não muito longe Belem,  
 onde hã torre foberba

com tiros, & baluartes,  
 faz moſtra eſpãtoſa, & horrêda  
 Metida dentro no mar  
 de quadrada bombardeiras  
 nam fortiffimo cabelo  
 com varias fortes de peças.  
 Aqui fe fazem regiftos  
 com que a entrada fô frãqaea,  
 das naos que vem polla barra,  
 ou fe faem dando â vella.

Ha nella tambem foldados,  
 que por cima das ameias  
 com cuidado, & vigilancia  
 dão perpetua fentinella.  
 Logo junto della eſtã  
 hã obra real immenſa  
 hã machina do mundo  
 de may notael grandeza.  
 O moſteiro de Belem  
 de tão fermofa preſença  
 que pode fer maraailha  
 antepoſta a de Caldea  
 He de frades obſervantes,  
 cajos preceitos, & regra  
 faõ do Santo, que em Belem  
 com Paula fez penitência:  
 Neſte moſteiro Real  
 de notaeis excellencias  
 polla rara architectara  
 de fea crazeiro, & capellas  
 Eſtão fermofos ſepulchros  
 de obra mais que Mauſolea  
 de algans Reys de Portugal  
 em varios jaſpes, & pedras.

Com tão notaveis columnas  
 toda esta obra faitenta,  
 que ha mister ver, & palpar  
 pera que tanto se creia.  
 Neste lugar tão famoso  
 por ser de grão preminencia,  
 fazem aos Reys de Portugal  
 suas honradas exequias.  
 Dentro maitos corredores,  
 com dormitorios, & cellas  
 muitas obras curiosas,  
 de mai galharda apparencia.  
 Tem por cima hã frõtepiço,  
 fobre o dormitorio, & Igreja  
 de pedraria laurada  
 por muyta arte, & foteleza.

Hum portico may fermoso  
 cuja laçoria, & pedras  
 a todo mais edificio  
 faz igual correspondencia.  
 Mais adêtro grandes claifras  
 mny conformes na grandefa,  
 casas fermosas, jardins,  
 pumares, ortas, & cerca.  
 Logo junto do mosteiro  
 hum pouo, cuja presença  
 na grandefa, & fermosara  
 grande Villa representa.

Por estes montes acima  
 que fã de pouca aspereza,  
 antes ferteis, & abundantes  
 de quanto aqui se femea.  
 Ha maito fermosas quintas,  
 de casarias foberbas

frefcas aguas, & pumares  
 jardins, vinhas, & parreiras.  
 Santo Amaro mais auante,  
 em distancia que não chega,  
 fazer quatrocentos passos.  
 ou no mais quando esta seja.  
 Estã poito, & situado  
 no cimo de hã ladeira,  
 que se fobe facilmente,  
 por ser distancia pequena.

He may fermosa hermida,  
 de grão concurso, & frequêcia  
 todo anno, & no fea dia  
 parece ser coufa immensa.  
 Entrãdo tem logo hã pateo,  
 de may bastante largueza  
 que paramentão de altares  
 no dia de sua festa.  
 Estã tambem por diante,  
 de mulheres estrangeiras,  
 hum mosteiro may deuto,  
 que se chama das Framengas.  
 Não longe defronte deste,  
 a quem vem à mão direita  
 outro fica do Caluário  
 que jantamête he de freyras,

A quinta del Rey famosa  
 logo aqui não nos esqueça,  
 de inaçoês dagua, & de flores,  
 & figuras tão diaerfas,  
 Seguefe a ponte de Alcantra,  
 fobre hã frefca Ribeira,  
 cujas cristalinas aguas  
 por entre montes, & ferras.

Vem

Vê correndo brandamente  
como escutando de veras  
as cantigas que ali cantaõ  
as rufficas laundeadoras.

Logo a antigua freguezia,  
de Santos aqui começa  
effe bairro da Pampalha,  
que Cidade representa,

A Virgem do liramento  
em noaa hermda, & pequena  
obra de cento deuto  
may cariosa, & bem feyta.

Tambem de noffa Senhora  
outra mais por cima deffa  
a qual das neceffidades  
communmente fe nomea.

Logo junto a dos Prazeres,  
caja feffa fe celebra,  
o dia logo primeiro,  
depois do da Pafoela

E neste meffo lugar  
fe vé de quem quer fe chega,  
hãa casa de faade,  
o por melhor de miferias.

Deffooutra parte da rua  
hum Mofteiro està de freyras,  
com hãa viffa fobre o mar  
de a praziuel eminencia,

E tem por inuocação  
aquella rara excellencia,  
que Criſto eftando no mudo  
por remate de grandefas.

Pera eternizar memorias,  
celebrando a vltima cea.

no mais diuino mifterio  
quize deixar memoria eterna.

Da meffma parte adiante  
eftão de hãa regra eftreita  
as Carmelitas deſcalças  
da reforma de Terefa.  
Não mai longe da outra parte  
de frades da meffma regra  
outro deuto Conaento  
obferuante em penitencias,

A noaa Igreja de Santos,  
onde entrando à mão direita,  
ha de faa inuocação,  
hãa brincada Capella.

Não may diſtante por cima  
aquellas freyras Ingreffas  
que eftão pella fancta Fè  
defferradas de Inglaterra.

He moſteirinho pequeno  
mas não falto de excellencias  
porque padecer por Criſto  
he foberana grandefa.

O moſteiro da Esperança  
mais abaixo : cãas freiras  
profeffão de São Francisco  
a perfeitiſſima regra.

Oiteiro da boa viffa  
com parapeitos de pedra  
onde tem gente do mar  
hãa ordinaria aſiſtencia.

Daqui numa larga praya  
fermoſa por excellencia  
parecem maytos nauios,  
que vem de partes diuerſas.

São varias embarcações de alto bordo, & das raiteiras vrcas, naos, galès, pataxos, fetias, & carauellas.

Aqui se lanção a monte, & de ordinario daõ crena, fazem de nouo, & desfazem as embarcações já velhas.

A meyo quasi da praya o monte correo de terra que outra vez ja noutros tēpos correndo fez mayor perda.

Adiante esta Sam Paulo onde nações estrangeiras Epanhola, Catalam, Italiana, & Tudeca.

A Franceza, & Bilcainha, Ceciliana, & Framenga, finalmente quantas ha parecem dar obediencia.

Cruz de Cataquefaras celebrima frequencia de Epanhoes que nesta parte, tem sua Audiencia, & cadea.

Adiante o Corpo Santo, hã carlofa Igreja, cujo edificio he castofo com ser hã obra pequena.

Ianto della logo as casas de architectura soberba de Mouras, Corterreays, de bem Real aparencia, E a milhares de fragatas na praya aqui junto dellas

em que por pouco dinheiro quem quer no mar se recreya.

Logo a Ribeira das Naos onde a machina Itapenda das que vão pera Oriente, chamadas Naos da carreira.

Com notaveis artificios pregarias, & madeiras, carpinteiros, calafates faz excessiuas despezas.

O lugar da Campainha onde de varias maneiras conforme as embarcações ha mil ancoras diuerfas.

Logo junto hum grãde pateo, todo lageado de pedras figura quasi qvadrada, mas não da quadra perfeita.

A grande casa da India officinas, & despenfas casafs adonde se aloja tanto fardo de canella.

Tantas drogas Orientais tantos quintaes de pimenta, tanta maça, tanto crauo, & tam preciosas pedras.

Redondos fardos de arroz, bazios barbara moeda de Etyopes Africanos de retrocidas gaeldelhas

Aquelle branco marfim dentes tam grandes de feras que ha dente q̄ por si fõ quatro, & fino arrobas pesa:

Caças,

Caças, colchas, alcatifas,  
 & cortes de varias cedas  
 ambar, coral, bejoim,  
 noz, encêço, & brâças perolas.  
 Os varjos brincos da China  
 escritorios de gauetas  
 mil obras tam marchetadas  
 de contadores & mefas.  
 Finalmente tantas coufas,  
 que pera poder dizellas  
 me vay faltando a memoria,  
 & afsi paffemos depreffa.  
 Os paffos del Rey famofos,  
 maquina foberba, & immenfa,  
 os tectos de cujas cafas  
 competem co das eftrellas.  
 Aquella primeira fala  
 rodeada de janellas  
 onde fempres os feus tarnos  
 afsifte a guarda Tudeffa.  
 Os compridos corredores  
 quartos de tanta grandeza  
 onde infinita familia  
 facilmente fe apofenta.  
 As grandes falas de cima  
 & outras mil cafas foberbas  
 em cuja capacidade  
 cabem tantas excellencias.  
 Aquelle forte Real  
 cuja fermofa prefença,  
 & leua mais o fentido,  
 que toda a oitava efphera.  
 As varias mercaderias  
 que dentro nas ricas tendas,

de diuerfas inuencões  
 ha no pateo da Capella.  
 O concerto, & ceremonias,  
 com que nefta fe celebra  
 aquelle culto diuino  
 com notael frequencia.  
 Os tres graues tribunaes  
 Conciencia, Paço, & Fazenda,  
 por cujos graues ministros  
 efte Reyno fe gouerna,  
 Effes vastos almazens.  
 onde fe recolhe & fecha  
 prouimento das armadas  
 que cada anno aqui fe aprefta.  
 Logo o terreiro do Paço  
 cuja fermofa largueza  
 bem terâ de comprimento  
 duas mui largas carreiras.  
 Na largura em porporção  
 tambem parece da mefma,  
 que de figura quadrada  
 fica fazendo apparencia.  
 Efta famofa planicie  
 com fer de tanta grandeza  
 de tal forte he frequentada,  
 que fempres eftâ quafi chea,  
 Fica da parte do mar  
 toda larga, & defcaberta  
 com vifta muito apraziael  
 de mar, nauios, & terras,  
 Nefte lugar tão famofo  
 de ordinario defcarrega  
 tanto nauio de trigo  
 que parece coufa immenfa.

Ficalhe a parte de cima  
a Alfandega donde se pesa,  
ou marca tudo o que passa  
com sua registo, & licença.

Aqui vem mercaderias  
de mil nações estrangeiras,  
que por ser trato sabido  
he bem que não me detenha.

Tanto logo a grande casa,  
dos contos, que da fazenda,  
real toma toda a conta  
onde importa dalla certa.

Também junto as sette casas,  
onde noutras tantas mesas,  
se despacha tudo quanto  
da Cidade foye, ou entra.

Logo terreiro do trigo  
onde tantas mil fanegas  
ou moios delle se gastaõ  
pellas mãos de medeiras.

Segue-se logo hãa rua  
que tem de hãa parte tendas,  
de outra da misericordia  
hãa das portas traueffas.

As escadas desta porta  
infinitas camponezas  
todo o anno estão vendendo  
flores de cheirosas ervaes.

Casa da Misericordia,  
cajo gastiõ, & cajas rendas;  
a tanto milhão de pobres  
da mai ordenada despefa.

Onde se diz tanta Missa,  
que desde antes q̄ amanheça,

atè meio dia dado;  
as ouae quem quer que chega.

A qual ordinariamente  
tantos deixão por herdeira  
& com rezão, pois a Christo  
pera seus pobres se deixa.

Correndo mais adiante,  
faimos logo à Ribeira  
lugar que basta seu nome,  
pera que a si se engrandeça,

Toda cheia de cabanas,  
onde tantas regateiras,  
de continuo estão vendendo  
tudo quanto o mundo encerra.

Immensidade de fratas  
de muytas castas diuerfas  
por todo anno em grão copia  
conforme os produz a terra.

A parte de cima estão,  
em lugar sem differença,  
vendendo seu pão fermofo  
muytas molheres padeiras.

Outras logo junto vendem  
passas de uvas, & de ameixas,  
queijos, fartens, & letrias,  
vidros, barças, pederneiras.

Logo a cazinha adiante  
por cuja mesa se ordena  
que em conta, peso & medida  
tanta abundancia se venda.

A diante as ortalicas  
coues, endros, cigurelha  
alfaças, coentros, nabos,  
rabãos, cinoaras: acelcas.

Ortelãa, chicorias : cardos,  
 abobaras, beldroegas,  
 cebolas, bredos, & falça,  
 & outras eras de panella.

E paffando a rua larga,  
 que dalto abaixo atraeffa,  
 lhe ficão pella outra parte,  
 as cabanas das frateiras.

Mil milhares de maçãs  
 aqui vendem colarejas,  
 a rubicanda chainha,  
 pero de Rey, camoezas.

Laranjas, limas, limoens,  
 as mais das limas azedas  
 que a gente de Portugal,  
 não planta como em Valença.

No tempo muitos meloës,  
 immensidade de peras,  
 das carualhaes infinitas,  
 que he fruita fô Portaguefas.

Vuas de muy varias castas,  
 afsi brancas como negras  
 bastardo da banda dalem,  
 que bastardos, fô a vua preita.

Fraitas nouas, & marmelos  
 pecegos de mil differenças  
 damafcos, figos, castanhas,  
 balancias, & ferejas,

Nozes, janças, auelans  
 doces, azeitonas Deluas,  
 as fermofas Seuilhanas,  
 manfanilha & cordoeza.

Finalmente, toda a fruita,  
 que prodazem quantas terras

o mundo tem, & o labor  
 he nefta por excellencia :

Mais abaixo contra a praya  
 cabanas de manteigueiras,  
 onde fempre eftão vendendo  
 infinita da framenga.

Abundancia de marifcos  
 logo junto se apresenta  
 lagoftas, & carangejos  
 camarões, ostras, amejoas.

Adiante fem cabanas,  
 infinitas pefcadeiras,  
 que por mais agua que choaa,  
 fempre, faõ caras na venda.

Ha aqui tão fresco pefcado  
 que ainda faltando chega,  
 de muy differentes castas,  
 que no rio, & mar fe pefca.

A muy lombada azeuia,  
 vnica fô desta terra,  
 lingoado çapateiro,  
 chachucho, raya, lampreia,

Sauel, tainha, vizago,  
 xarroco, ciba, fauelha,  
 carapao, caualla, pargo,  
 folho, roballo, faneca.

Safios, pescadas, chernes,  
 congros, ruiaos, & moreas,  
 & infinitos que aqui calo,  
 por ir paffando depreffa.

Mas he bem que fe celebre  
 quem mais que todos faltenta  
 & por fer mais abundante,  
 he fartara da pobrefa.

A fa-

A fabroza fardinha  
que a diuina providencia  
na abundancia, & calidade  
no labor & em fer piçana.  
Bem parece quis mostrar  
acudir com diligencia  
a falta de tantos pobres  
do que o rico fe aproveita.  
Aqui fe gasta infinita  
da falgada, & fem cabeça  
fem fal, & a que cōmanmente,  
chamão carregação fresca.  
De fecos o bacalhao,  
& tambem peçada seca,  
raya, & fauel efcaldado,  
atum de lombo, & ventrecha.  
Tem tal arte no vender  
as falgadas peçadeiras,  
que o que vem a dar por dez,  
pedem por elle nouenta.  
E fe a cafo lhe acontece  
haer quem pouco prometa,  
oa respondem com anexins,  
oa com palauras foberbas.  
Esta regra he may feguida,  
por todas as regateiras,  
que pouco eſtimão vender  
com fea trato a consciencia.  
Logo junto muitas caças  
& varias aces de penna  
que trazem mil regatoês  
la de fora das aldeyas.  
Coelhos, lebres, cabritos,  
galinhas, patos, marrecas,

perâs, adês, & leuancos,  
tordos, perdizes, vitellas.  
Muitos alhos mais auante,  
cebolas poſtas em reſtas  
que aqui ſempre eſtão vêdêdo  
as ruſticas lauradeiras.  
Finalmente aqui ſe vê  
a noſſa fresca ribeira  
que quanto mais abundante,  
então parece mais fresca.  
Saindo logo daqui  
à praya acima direita  
pellos may fermofos Caes  
rodeados de moletas.  
Logo a may pouca diſtancia  
grandemente nos reuera  
eſſe chafariz del Rey  
com tantas bocas abertas.  
Onde tantos aguadeiros  
tantos negros, tantas negras,  
galegos, cabras, ratinhos  
a quarta de agoa ſaltenta.  
A caſa de Iorge feco,  
& não he piçana grandeza,  
que pera acções naturais  
aja publicas ſecretas.  
Ham chafariz muy famoſo  
de agoas muy claras, & bellas,  
adiante eſtá, que ſem falta  
leua exceſſo às da Beyra.  
He tão fermofa, & tão para,  
e de tanta preminencia  
que por mais q̄ anda no mar  
corrupção nunca entra nella.

A pra-

A praya logo da Alfama  
 fe mostra mais descaberta,  
 & o lugar donde ancorão  
 fuas lindas Carauellas.  
 As muitas q̄ aqui fe ajuntão  
 em qualquer dia de festa  
 com as anchoras ao mar,  
 & as proas postas em terra.  
 Fazem visita tão apraziel,  
 & tão galharda presença  
 que julgareis que Neptano  
 coroado vos festeja.  
 Aqui está a torre da poluora  
 que tem por titulo, & empreza  
 este lugar he terribel  
 por hãas latinas letras.  
 Ianto do mar mais auante,  
 da coroa de Castella  
 almazês, & fundição  
 de toda a forte de peças.  
 O cais do carvão por cima,  
 casa muy tinhada, & fea,  
 que bem parece na cor  
 ter de Vulcano a materia.  
 E metendose no meyo  
 hãa entalhada caldeira  
 lhe fica logo por cima  
 por larga circunferencia.  
 Hã cais mai largo, & fermofo  
 chamado cais da madeira  
 obra forte muy castoia  
 mai grandiofa, & bem feita.  
 Fora da porta da Craz,  
 a tiro quasi de pedra,

da Virgem do Paraifo  
 hãa muy deuota Igreja,  
 Por cima a de S. Engracia  
 o traues à mão esquerda,  
 onde quantos Santos ha  
 faõ de nação Portugaesa.  
 O campo de sancta Clara  
 hãa cofta pouco enfefta  
 muy apraziel, & alegre  
 a quem quer que alli passeia.  
 Pera o cimo deste campo  
 lhe fica Villagalega  
 ham lugar que pera Villa  
 tinha bastante grandeza.  
 O fermofo pera peito  
 em que se estriba, & sustenta  
 esta grande obra do campo  
 q̄ he de puro entalho, & terra.  
 Traça de certo ministro,  
 cuja fama bem padera  
 eternizando mil obras  
 tocar sonora trombeta.  
 Não fó pellas que publicão  
 fuas grandes excellencias,  
 de que esta grande Cidade  
 vemos estar toda cheya.  
 Se não pellas grãdes partes,  
 que tiverão concorrencia,  
 entre encontros de fortuna,  
 & quilates de nobreza.  
 Mas como em fim tudo acaba,  
 anda a fortuna alterna,  
 acha fõ memorias tristes,  
 com sentimentos de ausencias.

Ficou

Ficou fõmente a lembrança,  
onde sentimento, & pena,  
em vivo retrato dalma,  
mil grandefas representa.

Mosteiro de fanta Clara,  
logo junto, cujas freiras  
do Seraphico Francisco,  
guardão preceitos & regra.

Logo a bica do çapato  
fe fegae nama orta fresca,  
cajas chriſtalinhas aguas,  
competem co a pimenteira.

He lugar muy deleitofo  
que mayta gente frequenta  
onde em lagar aprazivel  
a viſta do mar paffea.

Santa Apollonia adiante  
hã hermedinha pequena,  
onde vão por deuação  
mil matronas, & donzellas,

Mais adiante o mosteiro,  
de Sanctos que da comenda  
& da regra que professa  
fe diz das commendadeiras.

Eſte Cõvento he mai graue  
doado de maytas rendas,  
onde ſenhoras illuſtres  
tem recolhida aſiſtencia.

Outro logo junto noao,  
de hã fabrica foberba,  
em lagar mais eminente  
faz muy fermofa apparencia

Santos o noao fe chama,  
para madança fe ordena,

deſte Conaento famofo  
fundado fobre nobreza.

Andando mais adiante  
em paſſando a Cruz de pedra  
outro eſtã que em fantidade,  
paraſſo representa.

Eſte he da Madre de Deos,  
de tal concvrſo, & frequencia  
de gente que mai bem mostra  
ter fantidade ſaprema.

De grande recolhimento,  
& tal, que may bem padera  
ser de fanto enaejado,  
fe nos fantos cabe enveja.

Aqui faz maytos milagres,  
a Virgem de graças chea,  
que ficou Virgem may para,  
ſendo Mãy may verdadeira.

Junto eſtã paços famoſos,  
caja traça representa,  
em retrato de principios  
viſtigios de mil grandefas.

Mas como a Parca inimiga  
dando hãs fios, outros ſaspeda  
deixando fõ por memoria,  
moſtras, fõbras, & apparencias.

Entrando neſte lagar  
por remate nas grandefas,  
& em lagar de perfeição  
deixou eſta obra imperfeita.

Só ficou conhecimento,  
na moſtra das excellencias,  
que eſte lagar ja foi forte,  
& acabar he grão certa.

Adi-

Adiante o may famofo  
 são Francisco de Enxobregas,  
 mofteiro de deação,  
 & de may grande apparencia.  
 No valle logo fequinte,  
 que o mesmo monte referva  
 outro eftá de Padres Loyos  
 que são Bento fe nomea.

Pello vale mais acima  
 fobre o alto contra a ferra  
 nam muito frefco lugar  
 o mofteiro eftá de Chelas.  
 Logo mil lugares frefcos,  
 oliaais, quintas, & terras,  
 pumares may deleitofos,  
 cafas, jardins, & ortas frefcas.

E por toda a larga chapa  
 que do valle de Enxobregas,  
 pello campo de Alualade  
 voltando os Anjos fe cerca.  
 Cafas mil entremetidas  
 may famofas, & foberbas,  
 alegres recreações  
 entre bofques, & arvoreda.  
 Caja grave oftentação  
 aquem vem de Aldea galega  
 parece mais apraziuél,  
 por ficar mais defcuberta.  
 Toda fe mostra ondeada  
 por muitos valles, & ferras  
 tamalos que fe levantão  
 com muito pouca afpereza.

Tado são fertilidades,  
 tado são abundâncias de terra,

que entre todas as do mundo  
 pode em tado fer primeira,  
 Por aqui muitos lugares  
 muitas hermidas, & Igrejas,  
 são tantos os oliaaes,  
 que parece coafa immenfa.  
 Logo as ortas de Alualade,  
 caja ortaliça fe rega  
 com tanta abundância de agua  
 que noras lanção nas prezas.  
 Donde á mais q̄ na Cidade  
 fe gasta que he coafa immêfa,  
 trazem rafticas faloyas  
 a poder das regateiras.  
 He tão fertil, & abundante  
 toda eíta fermofa Veiga  
 apraziuél, & jocanda  
 alegre, frefca, & amena.  
 Que não fómête a anteponho  
 às de Granada, & Placencia,  
 as frefcas terras de Marcia  
 de çaragoça, & Valença.

Mas direi com fundamêto,  
 fem falta deve fer eíta  
 a que chamarão Gentios  
 Elifios campos na terra.  
 Que covfa mais apraziuél,  
 mais grandiofa, & foberba,  
 que ver deffe campo grande,  
 a larga circumferencia.

Certamente, que do nome  
 dar femelhança pudera,  
 por fer tão plaino, & tão lizo.  
 todo campo, & toda veiga.

Dizendo

Dizendo bem com rezão  
 que na lingua Portuguesa  
 podemos chamar Vlizios  
 por ter mais bella prefeença.  
 De mais, q̄ fendo de Oliffes  
 edificada esta terra  
 depois que a tantos trabalhos,  
 dando fim defcança nella.  
 Julgando a gentilidade  
 fequir fe logo a miserias  
 como premio merecido  
 hãa gloria fempiterna.  
 Vendo que aqui defcançava  
 por fer delectofa, & fresca  
 julgarão fer paraifo  
 pellas raras excellencias.

Donde vejo que de Oliffes,  
 por diriação may certa  
 forão chamados Eliffios  
 em que ha pouca diferença.  
 Sendo coufa averiguada,  
 & opinião may verdadeira,  
 fer estes campos de Eſpanha  
 nas vteriores terras.

Depois os noſſos latinos,  
 com noticia mais inteira  
 deſtes apraziveis campos,  
 & deſtas ortas amenas.  
 Declarão neſte nome  
 eſta eſcondida certeza,  
 pondolhe eſte de Almalatens,  
 que corrupto alnda referva

Pois neſte lugar fermoſo  
 toda alma livre de pena.

como em paraifo, & gloria  
 julgarão ter vida eterna.  
 E porque as humanas formas,  
 noſſa viſta não penetra  
 por grande diſporporção  
 que ha nas duas naturezas.  
 Vendo que não parecia  
 aquillo que entre elles era  
 por plauzo vniverfal  
 averiguada ſentença.

Almalantes lhe chamarão  
 que na lingua Portuguesa  
 he dizer alma eſcondida  
 que Alvalade corrompera.  
 Outros dizem que Albalatens  
 tendo que mais fe aſſemelha  
 eſte nome de Alvalade  
 por outra diferença.  
 O que mai pouco importara  
 dizer com menos certeza  
 pois quando a fermoſa aarora  
 aqui eſtiveſſe encaberta.

Então puderão dizer  
 que como aqui não fe veja  
 quando a luz falta no mando  
 por opoſição da Terra.  
 Hãa alaa aqui mais fermoſa  
 cuidara ter aſſilencia,  
 & chamandolhe Albatens  
 mostrarão fer doutra eſphera.  
 Logo o chafariz de Arroyos,  
 Santa Barбора, que pydera  
 por eſpanto de mãs obras  
 no ſeu campo dar emmanda.

A fre-

A freguezia dos Anjos  
 & no mais alto da ferra,  
 parece penha de França  
 com mai galharda aparencia.  
 Esta soberana Virgem  
 neste lugar se frequenta  
 de gente quasi infinita  
 com villitas, & novenas.  
 Nossa Senhora do Monte  
 tambem de graue preferença  
 nam monte donde descobre  
 da Cidade mil grandezas.  
 Doutra parte a do Desterro  
 em cajo loador quifera  
 para contar feus milagres  
 hãa angelica eloquencia.

Que nam devoto Mosteiro,  
 que aos preceitos se fogaitea  
 de fea deuoto Bernardo  
 mil maravilhas opera  
 Aqui temos esta Virgem  
 tão soberana, & tão bella  
 que tanto alcança pedindo  
 quando Deos dá de potencia.  
 Logo junto fante Antão,  
 lugar de escolas, & letras  
 Collegio da Companhia  
 com perpetua assistencia.  
 Aqui maitos Eitadantes  
 como em frequente academia  
 occupão tempo, & cuidado  
 nas grandezas de minerva.

Este campo de fanta Anna,  
 donde tantas mil cabeças

de gado de feus carraes  
 esta terra se fultenta.  
 Logo aparece do Occidente  
 a quem fae a mão direita,  
 hãa Igreja desta Santa,  
 com fea Conuento de freiras.  
 S. Antonio dos Capachos  
 de hãa observancia suprema  
 tanto exemplares na vida,  
 quanto obfervantes na regra.

O chafariz de Andaluz  
 hãa grão circumferencia  
 de cascas, quintas, jardins  
 fam Sebaitião da Pedreira.  
 Mosteiro de Santa Marta  
 Palhavãa donde pudera  
 fazer larga relação  
 tendo amplifsima materia.  
 Nossa Senhora da Luz,  
 que ferã quasi hãa legoa  
 por aqui tem fea caminho,  
 & as faloyas de Tilheiras.

São Domingos de Benfica,  
 que a mesma distancia chega,  
 da forte que pellos Anjos  
 o Mosteiro de Olivellas.  
 Aqui fica fam Ioseph,  
 no valle mil ortas frescas  
 que nos jardins, & freicuras  
 nenhãa iguala esta terra.  
 Mais abaixo a Annunciada  
 Igreja das mais bem feitas,  
 mais perfeitas, & acabadas,  
 que tem toda a redondeza.

Onde

Onde hã fermoso Conuento  
de muitas freiras professas,  
guardão do grãde Domingos,  
a muita obfervancia, & regra,  
Noffa Senhora da Gloria  
onde mancebos de Hibernia  
eftadaão com graõ cuidado,  
diuinas, & humanas letras.

Mais avante hã hermidã,  
que tendo humilde apparencia  
tem tão grande inuocação,  
que he da Virgem da Pareza.  
Sabindo daqui pera o alto,  
por hã cofta, ou ladeira  
no verão pouco aprazível,  
quãdo as fôbras são pequenas.  
Fica no cimo fão Roque,  
hum templo de tal prefeça,  
que facede em marauilha  
às que hoje faltão na terra.

Mais avante a Cotovia,  
Collegio de obra moderna,  
de Padres cujo inflituto  
he paro exemplo, & modestia.  
São João dos bem cazados,  
efta hermidã fe frequenta  
de poucos, porq̃ he de poucos  
deuendo fer todos della.

Chamefe aqui Campolide,  
hã fãida may bella  
pollos largos orizontes  
que defcobre a redondeza.  
Abaixo logo os Cardais  
onde eftão de ordem terceira,

hãs frades que aqui profeffão,  
a Franciscana pobreza.  
Defronte fão Bento nouo,  
hã marauilha immensa  
de foberbos edificios  
que a todos faz mil enaejas.  
He hã obra pofta em quadro  
de may notavel grandeza,  
& de quanta relatei  
pode fer angular pedra,  
Ea a tomei por remate,  
defta obra que nas foberbas  
a pedra com que fe fechão  
fempre tem grãde excellencia

E nesta fabrica minha  
que tão notaeis encerra  
fe lhe falta o architecto  
fobrepualhe a materia.  
Bem vejo q̃ com razão  
todo o mũdo me condena  
de querer com tantas faltas  
relatar tanta eminencia.  
Mas como a mi me deiculpão  
exemplos que dar pudera  
ey tomado atreimento  
para relatar grandezas.  
Que na boa preſpectiva  
baftante noticia dera  
da grandeza de hum gigante  
pintar parte mais piquena.  
Eftes fão os arredores  
com que Lisboa fe cerca  
querer contar o de dentro  
fera temeraria empreſa.

## Documentos da Biblioteca Nacional relativos a Lisboa

(Conclusão)

### DOCUMENTO LX

(Ano de 1345)

Carta de emprazamento — por Rodrigo Anes e Sebastião Domingues, mordomos da Confraria Grande dos Clérigos, e Domingos Esteves, Capelão mór da mesma Confraria — de umas casas, sótão e sobrado, na Alcáçova, a par da Chancelaria de El-rei, a Martim Esteves e a sua mulher, Dona Leonarda, moradores na Alcáçova, em Lisboa, e a uma terceira pessoa por eles nomeada à hora de sua morte, sob determinadas condições. Tabelaio: Afonso Peres.

En nome de deos Amē Sabhām quantos esta carta viren ē como ea Rodrigo añes. Eea/Saaschaão domingues moordomos da confraria grande dos clregos da Çidade de lixbõa Eea Domjgos/esteuaēz Capelã moor

dadita cõfraria. damos e enprazamos Aos Martim esteueēz e Aaossa molher/Dona Leonarda moradores en Lixbõa na Alcáçoua peraos Anbos ē toda aossa vida Epera hãa/pessõa qual aos quiserdes nomear Aaossa morte huãs casas sotãm e sobrado que Adita cõfraria ha na/Alcáçoua apardas casas da chãçelaria delRej assy como partem cõ casas daifomso martjz darreposte./e cõ Casas de ffernam perez e per rraãs publicas Enprazamos Aos as ditas casas pertal/preito e sotal condiçom queuos as ffaçades e Reffaçades e mãtenhades e ffaçades en elas benfeitoria/deguissa que ssenpre seiam melhoradas e nã peioradas Ededes ē cadahãa Año adita Confraria/em paz e ē salaõ quareenta e çinque soldos per dia de Natal Ecomeçardes apagar per este Natal/primeyro que aē Edy ē deante e assy ē cadahãa Año pelo dito dia Edegedes mãteer as ditas/casas como ditoe e de paredes todo Aaosa cdsta aynda que caessem E Aaossa morte de todos tres/as ditas Casas as ditas Casas (sic) deaē fficar adita confraria liares e aisenatas e sen contēda/nē hãa cõ toda sa benfeitoria Enos obrigamos todolos bees dadita confraria moays e Raýz/guaanhados e por gaañhar Aos deffender e Aenparar as ditas casas no dito tēpo dequem quer/queaolas demãde ou enbargue assy com hasso e custame da terra Eea ssobre dito Martim esteueez/por mj e pola dita minha molher

e pola dita pessõa que despos nos vêr loquo e outorgo as ditas/coasas e cadahã delas Eobrigoñ per todos méas bẽes moaỹs e Rayz guaãnhados e por/guaãnhar aconprilas e amãteelas como ditoe. Equal quer denos partes que esto nõ mãteuer, nẽ/ aguardar peyte Aoutra parte queo mãteuer e aguarde Trynta libras de Portugal de pena. Etodaaja/conprisse como ditoe feitas foram desto duas cartas em Lixbõa no Paãço dos tabeliões vỹte/e oyto días de Mayo Era de Mill e trezentos e oyteenta e tres Anos Testemanhas. Johan aães Martim/esteueẽz tablliões Johã martjz Raçoeyro de santo Steuã e Gonçalo esteueẽz cliregos cõfrades dadita/Confraria, e ffernam gonçaluez. Eea Affonso perez Tabel-

Hom da Cidade de Lixbõa que per,mãdado/ e per outorgamẽto das ditas partes duas cartas dãa teor partidas per Abc escreay e ẽ cadahã delas/mea sinal ffiz que tale est



esta tenha a confraria.

In: «Títulos e escrituras dos prazos foreiros a Irmandade dos Clerigos Ricos da Charidade». Vol. VI, fl. 76.

Res. da B. N. L.

# Inspeção das Bibliotecas Arquivo e Museus Municipais de Lisboa

## ESTATÍSTICA

### BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Movimento de espécies de 1930 a 1933

Volúmenes existentes em 30 de Janho de 1930 .....	24.593
Entrados de Julho a Dezembro de 1930 .....	850
Entrados em 1931 .....	35.832
Entrados em 1932 .....	2.376
Entrados em 1933 .....	3.644
	42.752
Volúmenes existentes em 31 de Dezembro de 1933 .....	67.345

Movimento dos leitores durante o ano de 1933

Meses	BIBLIOTECAS					
	Central (Paçácio Galveias) Leitura		2.º Bairro (Largo da Escola Municipal) Leitura		Alcântara Leitura	
	Diarna	Nocturna	Diarna	Nocturna	Diarna	Nocturna
	Diarna	Nocturna	Diarna	Nocturna	Diarna	Nocturna
Janeiro .....	43	—	455	—	—	—
Fevereiro .....	57	—	319	—	—	—
Março .....	78	—	450	—	—	—
Abril .....	94	—	327	—	—	—
Maio .....	85	—	402	—	—	—
Janho .....	194	—	323	—	—	—
Julho (a) .....	105	—	538	—	7	17
Agosto .....	189	261	265	—	223	348
Setembro (b) .....	—	—	—	—	198	—
Outubro .....	152	261	525	—	363	547
Novembro .....	120	206	702	—	541	563
Dezembro .....	210	158	540	—	408	245
Totais por leituras .....	1.327	886	4.846	—	1.740	1.720
Totais por Bibliotecas ..	2.213		4.846		3.460	
Total geral .....	10.519					

a) — A Biblioteca Municipal de Alcântara foi solenemente inaugurada em 28 de Julho e aberta ao público no dia 31 do mesmo mês, com leitura diurna e nocturna. Também neste dia foi aberta ao público a leitura nocturna da Biblioteca Central.

b) — Mês de encerramento para beneficiação e recatamento das espécies. Apenas a Biblioteca de Alcântara se conservou aberta à leitura diurna, por ter sido inaugurada havia apenas um mês.

## SUMÁRIO

---

### TEXTO:

DIRECTRIZES — OS CRONISTAS DE LISBOA, Albino Forjaz de Sampaio — RELAC,AM, EM QUE SE TRATA, E FAZ HÛA BREUE DEFCRIÇÃO DOS ARREDORES MAIS CHEGADOS À CIDADE DE LISBOA, & FEUS ARREBALDES, DAS PARTES NOTAVEIS, IGREJAS, HERMIDAS, & CONUENTOS QUE TEM, COMEÇANDO LOGO DA BARRA, VINDO CORREDO POR TODA A PRAIA ATÈ ENXOBREGAS, & DAHI PELLA PARTE DE CIMA ATÈ SAÕ BENTO O NOUO — DOCUMENTOS DA BIBLIOTECA NACIONAL, RELATIVOS A LISBOA (CONCLUSÃO) — ESTATÍSTICA DAS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA.

*Capa (Anverso):* — TRECHO DE PAINEL DE AZULEJO REPRODUZINDO A ILUMINURA DO REGIMENTO DE D. MANUEL AOS VEREADORES E OFICIAIS DA CAMARA DE LISBOA (1502) — *Fábrica Constância* — *Cartão do prof. Leopoldo Battistini* — *Ornatos de Viriato Silva* — *Fotografia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Comandante António José Martins.*

## Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

---

- Ano I — (N.<sup>os</sup> 1 e 2 — 182 pags.)  
De Junho a Dezembro de 1931 — **Esc. 10\$00**
- Ano II — (N.<sup>os</sup> 3 e 4 — 97 pags.)  
De Janeiro a Junho de 1932 — **Esc. 10\$00**
- Ano I' — (N.<sup>o</sup> 5 — 25 pags.)  
De Julho a Setembro de 1932 — **Esc. 5\$00**
- Ano II — (N.<sup>o</sup> 6 — 48 pags.)  
De Outubro a Dezembro de 1932 — **Esc. 5\$00**
- Ano III — (N.<sup>os</sup> 7 a 10 — 76 pags.)  
De Janeiro a Dezembro de 1933 — **Esc. 20\$00**
- Ano IV — (N.<sup>o</sup> 11 — 36 pags.)  
De Janeiro a Março de 1934 — **Esc. 7\$00**

*Por assinatura:*

Prêço de cada número — **Esc. 7\$00**

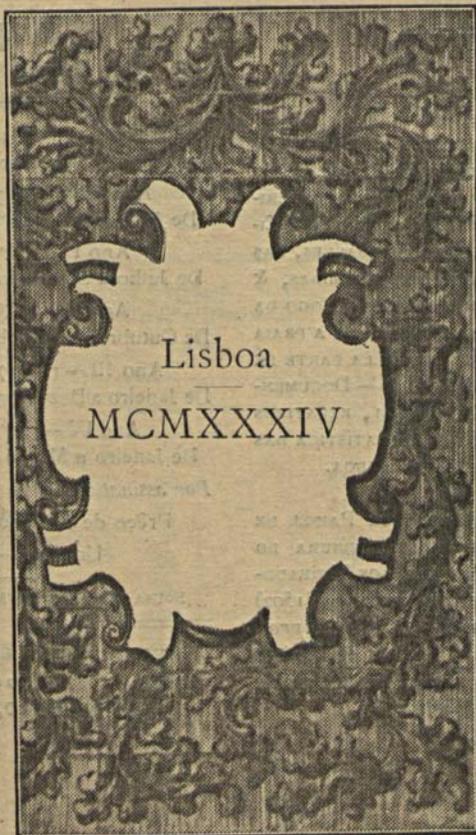
Um ano — **Esc. 25\$00**

---

SOUSA MARTINS — *In Memoriam* — **Esc. 40\$00**

---

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS:  
**Livraria Rodrigues & C.<sup>a</sup>**  
RUA DO OURO, 188 — LISBOA



Lisboa  
MCMXXXIV